

Maria! (Jo 20)



Giovanni Girolamo Savoldo – *Maria Madalena aproximando-se do sepulcro*
(séc. XVI), National Gallery, Londres

Carta a Maria Madalena

«Sabes muito bem que o melhor da tradição cristã (que é a parte menos conhecida dela) te apelidou de pecadora, não para te denegrir como mulher, mas para nos recordar que o amor de Deus é capaz de extrair, do maior pecador, uma santidade superior à de todos os bons, sempre tão ameaçados por esta tentação de farisaísmo», escreve JOSÉ IGNÁCIO GONZÁLEZ FAUS, jesuíta, teólogo, numa carta dirigida a Maria Madalena.

Minha irmã:

Não estranhes que te escreva. Se até já escrevi cartas a Deus! Acontece que, de tanto escrever, me sucede pensar muito melhor quando escrevo. E como é aborrecido estar para aqui a escrever sozinho, imaginar um interlocutor inspira-me muito mais. Desta vez, és tu a vítima, porque tenho algumas perguntas a fazer-te...

Não te vou perguntar se foste a primeira testemunha da aparição do Ressuscitado (como nos conta João), ou se foi todo o grupo de mulheres (como nos conta Mateus), ou se, como narra Marcos, as mulheres saíram todas assustadas, sem dizer nada a ninguém. Já sabemos que estas perguntas, tão importantes para a nossa curiosidade (que não para a nossa fé), eram questões alheias às intenções dos evangelistas que, além disso, tinham de conciliar distintas tradições orais, em parte coincidentes e, em parte, bem diferentes umas das outras. Sei que, neste caso, o importante para os evangelistas é o facto do Ressuscitado se referir aos apóstolos como “meus irmãos”, e nisso coincidem tanto Mateus como João. O importante é essa nova situação a partir da Ressurreição de Jesus.

Resta-me, porém, outra pergunta que pode ter mais significado ainda. Não sei se tu e a prostituta daquela

cena que encerra o capítulo sétimo do Evangelho de Lucas, são uma e a mesma pessoa. Antes, dava-se como certa esta identificação, talvez um pouco precipitadamente, pois Lucas nunca disse que essa cena da pecadora tinha ocorrido em Magdala, embora seja verdade que, apenas dois versículos adiante, nos conta que a primeira das mulheres que acompanhavam Jesus era “Maria, a chamada Madalena, da qual haviam saído sete demónios”. São estes os dados que conheço, e acho que, só através deles, se não pode chegar a qualquer conclusão verdadeira.

Há hoje muita gente que aceita como certa a não identificação entre ti e Maria, a prostituta do capítulo sétimo de Lucas. Interrogo-me se não será mais por razões afetivas, do que com base em argumentos científicos... Talvez possas acrescentar que, tendo em consideração as aldeias junto ao lago, ao redor do qual Jesus se deslocava, Magdala seria uma das poucas a poder sustentar uma prostituta, pois tinha indústrias de peixe salgado (para o enviar para Jerusalém), o que lhe conferia um ar mais urbano, e um nível de vida superior ao meio envolvente. Flávio Josefo disse que tinha cerca de quarenta mil habitantes, mas não se trata de dados seguros. Acho que mais nada se pode acrescentar.

Mas se estou interessado na tua

identidade, não é, apenas, por curiosidade, mas por essa questão científica poder esconder uma outra questão muito mais séria. Eu explico:

Já por duas ou três vezes deparei com a seguinte afirmação: "Maria Madalena não era uma prostituta". Haverá, sempre, alguém desejoso de perguntar ao autor, ou autora, como é que sabe isso. Eu, porém, prefiro perguntar se afirmam isso com a intenção de te defenderem. É que essa vontade de "desfazer moínhos", de Dom Quixote, deixa transparecer uma definição de prostituta como uma pecadora. Ora essa é uma definição totalmente machista, feita a partir de uma perspectiva masculina. Claro que existiram, e existem, algumas prostitutas que são verdadeiras pecadoras: como aquelas prostitutas de que fala o livro bíblico do Eclesiástico. Mas esse qualificativo não se aplica à maioria delas.

Na maioria dos casos, a prostituta não é uma pecadora, mas uma vítima. E o poder patriarcal tem feito sobressair, claramente, o primeiro adjetivo, como igualmente faz a nossa economia machista, ao afirmar que os pobres o são "por sua própria culpa". É claro que alguns o serão por essa razão. Mas a maioria não. Há muitos anos, ouvi Iñaki Gabilondo dizer, na televisão, que mais de 90% das prostitutas, na Espanha, exercem o ofício contra a sua vontade. Mas por lá continuam.

Com a nossa indiferença em relação a esta imensa tragédia, o carrasco fica livre de culpa e a vítima torna-se culpada. Repito: essa afirmação

não é verdadeira na maioria dos casos. É por isso que custa ver a atitude de um ramo do feminismo contemporâneo (a que chamo feminismo burguês), que nunca abriu a boca para protestar contra tamanha calúnia: como se essas pobres prostitutas não fossem as mulheres com as quais todo o autêntico feminismo se deve preocupar!

Se tu, querida Madalena, fosses uma delas, como suspeito, entender-me-ias melhor do que aquelas pseudofeministas: saberias muito bem que um dos mais velhos sofrimentos de qualquer vítima é causado, precisamente, pela incapacidade de ser reconhecida como vítima ou como maltratada. E só Deus sabe a quantidade de lágrimas derramadas na solidão e no silêncio, e o que é essa dor provocada na maioria das prostitutas.

Situações concretas dessa dor há muitas: é típica a crueldade irresponsável do macho que se recusa a usar preservativo, correndo o risco de infectar a pobre companheira. É muito frequente a relação em que o, eufemisticamente, chamado "cliente" se apaixona por uma miúda e se diverte com ela: quando ela procura carinho, ele maltrata-a, mas quando ela o pretende deixar, imediatamente ele se torna amoroso e carinhoso e a engana. É mais comum do que se julga a relação sexual terminar na violência física (hematomas, mordeduras e outros golpes ...), por o homem não suportar a dependência que aquela mulher criou para com ele, ou o seu próprio descontrolo sexual, e se vingar, castigando-a, em vez de se castigar a si mesmo.

Outros casos há, em que se pratica a

constante mudança de casal, em que, por duas vezes eu ouvi homens casados dizer que “a mesma comida todos os dias, cansa”. Ao que tentei responder que, se a esposa deles e os outros não passavam de um prato de comida, então nada mais havia a dizer. Clama, literalmente, aos céus a situação de muitas meninas, raptadas como escravas a quem foi roubada a documentação, a quem se impôs uma pesada dívida, real ou fictícia, e que permanecem sob o controlo do seu amo, não estando sequer autorizadas a sair de casa, para não poderem escapar.

Por tudo isto, admirável Madalena, amiga íntima de Jesus, sinto muito que o evangelista Lucas não tenha esclarecido mais a tua identidade. No caso de seres tu aquela pecadora ungida por Jesus no final do Capítulo sétimo do livro de Lucas, entrando na casa do fariseu que te tinha convidado para comer, sinto muito que o evangelista, talvez por causa da honestidade narrativa, nada tivesse dito sobre o que provocou essa tua conduta. Gostaria de saber o que foi para ti o que observamos em “A porta aberta”, um ótimo filme que só poderia ter sido feito por uma mulher. Saber se houve algum tipo de encontro prévio: talvez um olhar furtivo e terno que tivesse derretido todas as tuas paredes interiores, ou se foi, apenas, a fama e o que ouviste falar de Jesus que te deu essa força, essa loucura e a coragem suficiente para tudo jogar numa difícil aposta, correndo todo aquele risco, certa de que era o “agora ou nunca”. A tua fé te salvou, como costumava dizer o Mestre.

Nunca saberemos se foste tu, ou não, a pecadora daquela cena que nos conta Lucas. Mas, pelo menos, ele diz-nos que tinham saído de ti “sete demónios” (e sete é o número da plenitude). Em todo o caso, não tenho a certeza de que afirmar que Maria Madalena não era uma prostituta, seja uma forma de a defender e elogiar. Sabes muito bem que o melhor da tradição cristã (que é a parte menos conhecida dela) te apelidou de pecadora, não para te denegrir como mulher, mas para nos recordar que o amor de Deus é capaz de extrair do maior pecador uma santidade superior à de todos os bons, sempre tão ameaçados por esta tentação de farisaísmo.

Temo por quem dá por adquirido que não foste uma prostituta, mesmo que os argumentos históricos sejam tão duvidosos. Eu ainda não consegui levar a cabo aquele programa de J.B. Metz, de ir “para além da religião burguesa”. E cada vez mais me convenço que, uma das coisas em que a fé cristã e a religião burguesa mais diferem, é no conceito de dignidade. Neste ponto, o cristianismo aproxima-se do chato Marx, quando este afirma (no *Manifesto...*) que “a chegada da burguesia destina-se a fazer da dignidade pessoal um mero valor de troca”.

E se, verdadeiramente, foste uma “vítima”, no sentido que tentei descrever aqui, a outra cena conduz-nos à profundidade do teu encontro com o Ressuscitado, no capítulo vinte de João e àquela palavra, única, que te abriu os olhos: “Maria!”. Nada mais.

o Papa Francisco aborda temas que já não interessam a ninguém. É por isso que incomoda.

"Algumas palavras que enchem jornais e televisões, nunca são mencionadas: populismo, migrantes, desigualdade". A crónica seca e precisa de Stefano Feltri, no encontro de Bilderberg, publicada em *Il Fatto Quotidiano* de 4 de junho, revela bem as dificuldades do papa Francisco no desempenho do seu papel de líder religioso, uma voz ética ao nível geopolítico.

O comentário é de MARCO POLITI, jornalista e ensaísta italiano, publicado por *Il Fatto Quotidiano*, 11-06-2019.

BILDERBERG não é o único fórum internacional em que se encontram, todos os anos, homens do poder político e económico, velhos sábios e "influenciadores" de vários tipos, incluindo alguns vindos dos meios de comunicação. Tem a sua própria aura de privacidade misteriosa, mas isso é apenas um pormenor. O fundamental é que, para cento e trinta a cento e cinquenta personalidades que "contam" a nível global (este ano, também foram convidados o secretário de Estado dos EUA, Mike Pompeo, e o genro de Donald Trump, Jared Kushner), populismo, migrantes e desigualdades são fenómenos invisíveis.

Para esta esfera de poder, capaz de influenciar o cenário internacional com as suas opiniões e interações, não constitui tema de interesse o facto de se estarem a afirmar na Europa, e não apenas na Europa, regimes fanaticamente xenófobos, que desprezitam os princípios básicos das democracias liberais-democráticas e sociais. Não desperta qualquer interesse o facto de uma combinação de iliberalidade, clericalismo, nacionalismo e

xenofobia conseguir congregar, na Itália, mais de um terço do eleitorado. Para esta camada política e económica, não parece constituir um fenómeno alarmante a disseminação de um clima de ódio social, que leva a que se ataque, obsessivamente, o "diferente" (negro, islâmico, homossexual). A história repete-se. Para muitos, para demasiadas pessoas, as perseguições antissemitas, que eclodiram entre as duas guerras mundiais, não estavam na agenda.

Neste contexto, Francisco assemelha-se àqueles profetas da tradição bíblica que ninguém ouvia. Bergoglio é tenaz em denunciar os políticos que semeiam o ódio. É tenaz em alertar, reiteradamente, para o surgimento de fenómenos que se pensava pertencerem já a um passado remoto: ou seja, as tendências para excluir, de forma agressiva, da participação social, certos grupos e etnias. Há já muito tempo que Francisco vem alertando contra a emergência de uma onda ideológica, que lembra o nacionalismo histórico e a xenofobia persecutória do período entre as duas guerras mundiais. Há alguns dias, voltou a insistir "contra toda a discriminação, e a apelar ao

respeito pelas pessoas de qualquer etnia, língua e religião".

Com a mesma tenacidade, o pontífice argentino retoma uma e outra vez a questão da imigração, crucial na época contemporânea, uma questão de vida ou de morte para milhões de seres humanos que - como ele disse uma vez - nem sequer buscam uma "existência melhor", mas simplesmente tentam existir. Não é uma questão de bondade abstrata e piegas, como acusam os seus opositores. É um fenómeno perante o qual é absurdo fechar os olhos. A Organização Mundial da Saúde regista duzentos e cinquenta e oito milhões de migrantes em todo o mundo. Sessenta e cinco milhões foram expulsos dos seus países, vinte e cinco milhões têm o status oficial de refugiados, dez milhões são "ninguém", sem nacionalidade e sem qualquer direito de acesso aos serviços primários de educação e assistência.

Esta massa de gente inclui, também, os vinte e um milhões de seres humanos de ambos os sexos, vítimas do tráfico, incluindo cinco milhões e meio de crianças. Vítimas de exploração pelo trabalho ou pelo sexo. Os "novos escravos", como Francisco lhes chama. Também esta imensa população, cheia de sofrimento, "não importa", não desperta o interesse dos poderosos. Não constitui um pormenor insignificante o facto de Trump se ter recusado a assinar o pacto sobre os migrantes da ONU, e Matteo Salvini ter imposto ao governo italiano o mesmo procedimento.

Quanto às desigualdades, as classes detentoras do poder têm cada vez menos vontade de falar sobre isso. A mera referência do pontífice a este assunto, desperta aborrecimento. O

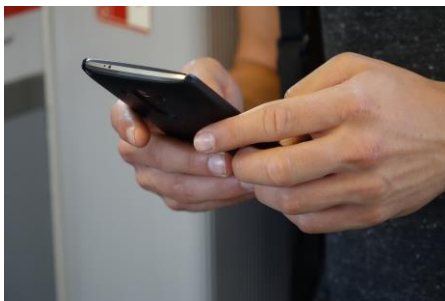
"crescimento" se encarregará de as eliminar: o mantra hipócrita daqueles que ignoram que, de ano para ano, os super-ricos ficam cada vez mais ricos. E que, de ano para ano, a esmagadora maioria dos aumentos de riqueza premeia, sistematicamente, aqueles que já são superbenediciados. Em 2014, oitenta indivíduos, apenas, possuíam tanto quanto metade da população do planeta. Em 2019, vinte e seis pessoas, apenas, possuem tanto quanto os três mil e oitocentos milhões de habitantes mais pobres do mundo.

Há muito tempo que a Pontifícia Academia de Ciências Sociais com o seu chanceler, monsenhor-Marcelo Sanchez Sorondo, vêm dedicando grande atenção ao tema das desigualdades, por constituírem um risco para a democracia. O último evento realizado foi o encontro, no Vaticano, da cúpula pan-americana dos juizes. Estamos na presença, disse de forma bem realista Francisco, de uma deterioração dos direitos sociais. Mas "não há democracia com fome, nem desenvolvimento com pobreza, nem justiça nas desigualdades".

Nos resultados das pesquisas, Francisco regista elevados consensos. Mas em setores substanciais das classes dirigentes económicas e políticas, embriagadas por uma globalização sem regras, a que se contrapõe, eventualmente, um soberanismo inspirado pelo liberalismo selvagem, o papa não goza de qualquer consideração. Está muito isolado. A direita eclesial e as direitas económicas - repetem no Vaticano os defensores de Bergoglio - esforçam-se, em conjunto, por pôr fim a um pontificado que incomoda. O choque que ocorre, dentro e fora da Igreja Católica, constitui a principal encruzilhada do atual pontificado.

os dedos finos dominarão a Terra

"Há quem diga que, como os miniteclados impossibilitam a datilografia tradicional e, com o advento das calculadoras, os cinco dedos em cada mão perderam a sua outra utilidade prática, que era ajudar a contar até dez, os humanos do futuro nascerão só com três dedos em cada mão: o indicador para digitar (e para indicar, claro), o polegar como opositor para poder segurar as coisas, e o mindinho para limpar a cera do ouvido", escreve **LUÍS FERNANDO VERISSIMO**, escritor, numa crónica publicada por *O Estado de S. Paulo*, 04-03-2018.



Telemóveis, agendas eletrónicas e computadores portáteis cada vez mais compactos, e, portanto, com teclas cada vez mais pequenas, pressupõem utentes com dedos finos. Segundo a teoria da seleção natural de Darwin, as pessoas com dedos grossos tornar-se-ão obsoletas, não se adaptarão ao mundo da microtecnologia e, portanto, desaparecerão.

Outra inevitável evolução humana será a pessoa já nascer com um dispositivo – talvez um dente adicional, cuneiforme, na frente – para desembrulhar CD's e outras coisas envoltas em celofane, como quase tudo hoje em dia. E fica-se a pensar no enorme aperfeiçoamento que seria o facto das próprias pessoas virem, também, envoltas numa espécie de celofane em vez de pele.

Imagine-se as vantagens que isso traria. Em vez de derme e epiderme, uma pele transparente que permitisse observar todos os nossos órgãos internos, tornando dispensáveis o raio X e outras formas de nos ver por dentro. Bastaria o paciente tirar a roupa, para o médico o observar através da pele e fazer o diagnóstico, sem precisar de apalpar ou de pedir exames.

É verdade que seríamos horrorosos. Em compensação, a pele transparente seria um grande fator de igualdade social. A expressão “beleza interior” adquiriria um novo sentido, e ninguém seria muito mais bonito do que o outro, embora alguns pudessem ostentar um baço mais bem acabado ou um intestino delgado mais estético, e o corpo das mulheres com pouca roupa ainda continuaria a receber elogios do tipo (“que vesícula!”).

Acabaria a inveja que as mulheres têm, umas da pele das outras, e a consequente necessidade de *peelings*, *liftings*, *botox*, etc. E como todas as peles teriam a mesma cor – ou seja, nenhuma – ficaria provado que, sob os nossos invólucros, todos somos iguais, deixando, assim, de haver racismo.

Fica aqui a sugestão, para quando nos redesenharem.

memória

1 de Abril de 1959 – Inauguração do Vale dos Caídos



«É necessário que as pedras que se levantem tenham a grandeza dos monumentos antigos, desafiem o tempo e o esquecimento e constituam um lugar de meditação e repouso no qual as gerações futuras prestem homenagem aos que lhes legaram uma Espanha melhor». A frase consta do decreto que cria o mausoléu concebido para acolher os mortos «por Deus e pela Espanha», assinado pelo ditador Francisco Franco um ano depois do fim da Guerra Civil espanhola. O complexo, megalómano, situa-se em San Lorenzo de Escorial, a 55 km de Madrid, integra uma basílica escavada na rocha e é dominado por uma cruz de 150 metros de

altura. As obras demoraram cerca de 20 anos e foram no essencial realizadas por presos políticos (20 000, refere Rafael Torres no seu livro *Los esclavos de Franco*). Aí estão enterrados o líder do Falange (partido fascista espanhol), José Antonio Primo de Rivera, o próprio Franco e cerca de 34 000 combatentes anónimos, enterrados à revelia das famílias. Considerado um «insulto» à democracia e uma exaltação da ditadura e do nacional-catolicismo, o complexo continua a gerar polémica. A decisão de trasladar os restos de Franco e de Primo de Rivera do local e a conversão deste num centro de memória e tributo às vítimas do franquismo continua adiada.